

## **IGUALDADE OU HETERONORMATIVIDADE?**

### **JOVENS MULHERES COMUNICANDO SENTIDOS, FORMANDO SIGNIFICADOS**

Lucélia de Moraes Braga **Bassalo** – UEPA-PPGED

#### **Resumo**

A igualdade é o princípio ordenador de uma sociedade justa e democrática e no Brasil é um direito constitucional. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa sobre jovens mulheres que num percurso eminentemente juvenil, desenvolvem uma estratégia de comunicação e formação, buscando compreender sentidos e significados. O percurso metodológico foi traçado a partir da pesquisa qualitativa reconstrutiva, utilizando o Método Documentário, por considerar que a imagem pode ser a principal fonte da investigação. Podemos apreender com a análise da imagem que as jovens demonstram a posição de que ser jovem e feminista não comporta a heterossexualidade como norma, não admite uma prática política que seja hierarquizante ou invisibilizadora de grupos de mulheres, recusa o sexismo e o preconceito intragênero. A pesquisa reafirmou a ideia de que conhecer os modos de sociabilidade, as formas de transmissão de significados entre os jovens e os próprios significados e interpretações que delineiam, fornece elementos para a construção de políticas públicas na área da educação que não se restrinjam a concepção de aluno, mas do sujeito histórico que faz o cotidiano das escolas do país.

## **IGUALDADE OU HETERONORMATIVIDADE?**

### **JOVENS MULHERES COMUNICANDO SENTIDOS, FORMANDO SIGNIFICADOS**

#### **INTRODUÇÃO**

A igualdade é o princípio ordenador de uma sociedade justa e democrática e no Brasil é um direito constitucional. Entretanto tem sido, historicamente, uma bandeira política dos movimentos sociais que reivindicam moradia, educação, trabalho, entre os

quais se incluem o movimento feminista e o movimento LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Uma bandeira que se ainda precisa ser levantada é porque vivemos numa sociedade onde persistem regimes de desigualdade. Como princípio supõe a noção de direitos para todos e todas e, como bandeira política, supõe o combate às discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero, de classe.

Se, por um lado, as desigualdades tem pautado a vida social, a atuação dos movimentos sociais tem conseguido inserir na agenda de elaboração das políticas públicas, sujeitos e direitos não reconhecidos historicamente pela sociedade brasileira, assim como ações afirmativas tem sido elaboradas com o intuito de corrigir desigualdades ou efetivar direitos.

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa sobre jovens mulheres que num percurso eminentemente juvenil, desenvolvem uma estratégia de comunicação e formação entre pares através da internet, tendo como intuito compreender sentidos e significados que estão presentes no *blog* Dialogoj. O corpus da investigação foi composto das postagens, imagéticas ou textuais, por afiliadas da ABJF - Associação Brasileira de Jovens Feministas, o dialogoj<sup>1</sup>, no período de 2007 a 2010. O *blog* apresentou como singularidades: recusar a heteronormatividade como norma e defender a igualdade como princípio; ser criado e mantido por jovens mulheres; declarar a intenção de se aproximar de outras jovens em diferentes estados do Brasil; utilizar o espaço virtual como um instrumento de socialização de informações, interpretações e posicionamentos.

Neste momento, vale ressaltar, que os jovens fazem parte dos grupos de sujeitos invisibilizados na sociedade brasileira, pois de acordo com Abramo (1997) “nunca existiu uma tradição de políticas especificamente destinada aos jovens como alvo diferenciado das crianças para além da educação formal” (p.26). Embora seja possível notar no início do século XXI uma forte expansão, no âmbito federal, do reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos, de acordo com Sposito e Carrano (2003), este fato não significou uma compreensão ou discurso harmônico, pelo contrário constitui-se num esforço marcado pela fragmentação das linhas de atuação e fragilidade conceitual.

---

<sup>1</sup> <http://dialogoj.wordpress.com/>

Os processos de aprendizagem e sociabilidades juvenis para além dos muros das escolas são desconhecidos no campo da educação. A produção acadêmica sobre estes sujeitos nos Programas de Pós-Graduação em Educação quando realizada, enfatizou a compreensão do jovem na sua condição de aluno. No período de 1999 a 2006, as pesquisas que versavam sobre sexualidade e gênero, substituiu gradualmente a utilização do termo adolescente por jovem ou juventude, assim como se desenvolveu uma renovação do enfoque analítico, pela interlocução com referenciais sociológicos (CARVALHO, SOUZA E OLIVEIRA, 2009). Talvez, em parte esse deslocamento se deva ao fato de que “a juventude e adolescência brasileiras não podem ser apreendidas, ou tem dificuldade de se tornarem inteligíveis, através de categorias psicológicas de cunho essencialista” (SOUZA, 2002, p.57).

Mesmo que a maioria dos trabalhos, no período citado, se refira a temas ligados a educação sexual, pode-se identificar uma produção acadêmica que introduz novas temáticas no estudo da escola e da educação formal, associadas à juventude como: o fenômeno da parentalidade voltado para a compreensão da gravidez; as doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS em jovens como problemas que a escola deve enfrentar; as relações de gênero e a construção de masculinidades e feminilidades; o conhecimento escolar e as relações de gênero e os estudos sobre homossexualidade (CARVALHO, SOUZA E OLIVEIRA, 2009).

Também se pode notar uma linha crescente de investigações que “abordam essas questões a partir de novos olhares, procurando compreender o significado das sexualidades para os/as jovens e articulando-o às relações de gênero” (CARVALHO, SOUZA E OLIVEIRA, 2009, p. 231) e, sobretudo a utilização do conceito de gênero auxiliou “na análise de outras dimensões das experiências juvenis, como a sociabilidade, a religiosidade, os projetos de futuro, as relações de poder entre pares e o desempenho escolar” (CARVALHO, SOUZA E OLIVEIRA, 2009, p. 235).

De modo geral, a utilização da categoria juventude nos estudos realizados nos Programas de Pós Graduação em educação, segundo Sposito (2009) teve um crescimento discreto, ainda que ascendente e focaliza, especialmente, os jovens que moram nos grandes centros urbanos, ressaltando ainda, como aspecto pouco explorado, a compreensão da juventude como grupo geracional. Esta perspectiva é basilar para a compreensão das formas de vida juvenil, afirmando que as pesquisas que retomam uma “compreensão sociológica sobre o lugar do indivíduo na teoria social podem contribuir

para o desenvolvimento de investigações sobre a experiência e os percursos juvenis das mais diferentes formas” (SPOSITO, 2009, p.39).

Assim, tomando a necessidade de realizar estudos que investiguem que analisem dimensões diferentes do âmbito escolar e privilegiem os modos de sociabilidade dos jovens, parto neste texto, da compreensão de que o estudo da juventude ou de grupos juvenis, de suas experiências e dos significados que são construídos ou circulam entre eles, pode contribuir para ampliar a qualidade das políticas públicas educacionais que contemplem este grupo geracional. Além disso, deve-se destacar que, historicamente, a juventude tem um papel importante nas sociedades, tanto como continuidade quanto como agente de mudança, de revitalização do *status quo* uma vez que “a juventude não é progressista nem conservadora por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer oportunidade” (MANNHEIM, 1973, p.41).

Neste sentido, as jovens da ABJF, ao integrarem-se as várias possibilidades de participação no campo do feminismo através da rede, desenvolvem uma apropriação simbólica acerca de quem são identificando-se e promovendo identificações, como parte de um grupo geracional e de uma concepção de mundo. Além disso, segundo Harcourt (2005) o desafio que se coloca para aquelas que buscam a justiça de gênero se refere a “usar o ciberespaço não apenas como uma ferramenta imediata de capacitação para suas necessidades estratégicas, mas para abrir seu potencial para outras”<sup>2</sup> (s/p).

Através do *blog* as jovens anunciam uma formalização em torno de sua atividade e a formulação da noção de que não basta informar, mas servir de veículo de significados igualitários através deste espaço virtual. Devemos lembrar também que o ciberespaço é um mundo hipervisual, o *layout* das páginas na internet é decisivo para atrair, manter e fazer com que o visitante retorne. Os arquivos digitais de imagens, criam uma forma específica de interação, onde fotos expostas ou trocadas, anunciam ou denunciam uma realidade, evocam memórias pessoais, possibilitam reconhecimentos, o trânsito de entendimentos e visões de mundo.

Deste modo, a imagem, especialmente as fotografias produzidas pelas jovens e socializadas em ambientes virtuais, constituiu uma das inquietações desta investigação. O que as fotos disponibilizadas virtualmente pelos jovens revelam sobre suas experiências? Como relacionam a heteronormatividade e o regime de desigualdade vigente na sociedade? Embora ninguém mais seja capaz de dizer que uma pessoa não é

---

<sup>2</sup> Tradução livre do original em inglês.

um sujeito de direitos, quando a questão é sobre a sexualidade, o direito passa a ser relativizado ou inexistente. A heteronormatividade é uma forma de invisibilização ou negação da pluralidade que norteia a sexualidade. Supõe a afirmação de uma única orientação da sexualidade como verdadeira, a heterossexual ou, no mínimo, estabelece uma hierarquia entre as orientações da sexualidade, sendo assim o que as imagens, especialmente as fotografias revelam acerca de suas opiniões e posicionamentos?

### **Sobre a pesquisa**

O percurso desenvolvido nesta investigação foi traçado a partir do pressuposto da pesquisa qualitativa reconstrutiva, especificamente da interpretação, como princípio do Método Documentário, no sentido de apreender orientações coletivas presentes em determinado grupo, já que este método considera qualquer dado da experiência como passível de investigação científica.

Proposto originalmente por Karl Mannheim (1921/22), o método documentário destina-se a compreensão da *weltanschauung* ou visões de mundo de um determinado grupo social. De acordo com Weller et al (2002), tanto os produtos culturais privilegiados como a arte, quanto as ações cotidianas dos sujeitos, são objetos passíveis de interpretação. A utilização do Método Documentário, como instrumento de análise de dados qualitativos, deve-se a Ralf Bohnsack, sociólogo alemão, que na década de 80 do século XX, o retomou e atualizou tanto do ponto de vista da concepção do método, quanto do procedimento metodológico (WELLER et al, 2002; WELLER, 2005; WELLER, 2010; BOHNSACK; WELLER, 2011).

O Método Documentário pode ser visto como uma ferramenta que auxilia a investigação de grupos e indivíduos em contextos sociais desconhecidos ao/a pesquisador/a, possibilitando a interpretação das visões de mundo, das ações e formas de entendimento presentes naquele conjunto de experiências (WELLER, 2005).

Constituiu-se como pressuposto teórico da pesquisa, a identificação de que as diferentes definições de juventude apontam para uma dimensão que nega a inscrição no presente, por compreender a juventude como um não ser ou algo que supõe um vir a ser. Não admitem sua existência e embora reconheçam que o/a jovem existe materialmente, apontam para o futuro, para o/a adulto/a que será, ou seja, a juventude quando definida como faixa etária, fase da vida e geração do futuro parte do princípio que a juventude não é, porque está em construção o ser adulto.

Além disso, estas definições partem da perspectiva que supõe uma oposição imediata a um/a outro/a, jovem-adulto, anulando as possibilidades de convivência destes atores sociais em bases igualitárias, o que de acordo com Duarte Quapper (2001), parte de “uma matriz adultocêntrica de compreender, compreender-se no mundo e as relações que nele se dão<sup>3</sup>” (p.62). De acordo com Dayrell (2003) em nome do que virá, em nome do futuro “tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro” (p.41). Entretanto para Taguenca Belmonte (2009) “o conceito de juventude não pode remeter-se ao futuro porque assim deixa de ser para ser sua contrapartida”<sup>4</sup> (p.163).

Assim, nesta investigação partiu-se do reconhecimento da existência histórica e material da juventude, considerando-a como *grupo geracional*. O conceito de geração baseada na escola alemã manheimiana, instrumentaliza a análise da juventude, de acordo com Weller (2007), pois possibilita desenvolver uma compreensão de um ponto de vista sociológico dos grupos sociais que emergem em determinado período e lugar. Entendida como grupo geracional, admite-se que a juventude tanto recebe uma herança cultural da geração anterior, como se aceita que produz novos significados derivados da sua própria geração já que, de acordo com Mannheim (1993), a “criação e a acumulação de cultura não se realizam pelos mesmos indivíduos”<sup>5</sup> (p.211).

Apresenta-se neste trabalho uma das fotos que a pesquisa elegeu como fonte imagética. O registro visual das atividades do grupo estava constituído de 209 fotos, disponíveis em álbuns virtuais, de acesso irrestrito, em dois endereços: um fotoblog e um fotolog. Ao compor os álbuns, as jovens subtraíram indícios de personalização reforçando a suposição de que continham sentidos que ultrapassavam a mera apresentação de suas atividades. Este traço se tornou relevante para a investigação, pois não se tratavam de fotos pessoais, eram registros das atividades das afiliadas da Articulação Brasileira de Jovens Feministas.

Deve-se ressaltar que os diferentes tipos de imagem não foram considerados como fontes de investigação até pouco tempo atrás no campo da pesquisa social. Para Martinez Barboza (2006), isto se deveu a própria trajetória de constituição científica do

---

<sup>3</sup> Tradução livre do original em espanhol

<sup>4</sup> Tradução livre do original em espanhol

<sup>5</sup> Tradução livre do original em espanhol

campo, que buscou acercar-se de procedimentos que não possibilitassem o questionamento de sua produção teórica.

Esta situação, entretanto, conduziu a elaboração de procedimentos específicos que possibilitou a compreensão das imagens dando-lhes uma posição de destaque como dado visual e fonte de investigação. O desenvolvimento do Método Documentário favoreceu “um entendimento imediato *através* da imagem, ou por meio da imagem ou ainda além do meio da linguagem e do texto” (BOHNSACK, 2013, p.115). Desenvolver um “entendimento *através* de imagens significa que nosso mundo, nossa realidade social, não é apenas representado por imagens, mas também constituído ou produzido por elas” (BOHNSACK, 2013, p.115).

Assim, o Método Documentário foi utilizado como percurso metodológico por considerar que a imagem pode ser a fonte principal da investigação. Isto porque a imagem, no nosso caso a fotografia, é considerada um sistema autorreferente, isto é, a imagem em si, carrega um conjunto de significados. Tais significados só podem ser apreendidos por meio da compreensão da sua estrutura formal, composta de 3 dimensões: a estrutura planimétrica total, a coreografia cênica e a projeção perspectivista. Um conjunto de procedimentos que viabiliza a interpretação dos sentidos da imagem.

### **A igualdade como pressuposto da ação**

Na contramão do discurso que afirma que o jovem da contemporaneidade é alienado e ausente das discussões políticas, as jovens mulheres internautas que fazem uso do Dialogoj, reconhecem a validade das solicitações feministas e solicitam um lugar para participar ativamente da militância. Porém essa atuação é marcada por uma análise crítica da própria prática que solicitam inscrição. A posição de buscar reconhecimento enquanto grupo geracional também relaciona-se com uma visão ampliada da justiça de gênero como apontada por Fraser (2007).

No *post* do Dialogoj de 27 de abril de 2008, assumem o compromisso de “enfrentar as opressões econômicas e sociais que colocam as jovens mulheres, em condição de desigualdade”<sup>6</sup> e buscar a “eliminação das desigualdades geracionais, de gênero, classe, raça/etnia, de orientação afetivo-sexual, de diversidade religiosa e de

---

<sup>6</sup> Trecho extraído do *post* “Resultados do encontro”, de 27 de abril de 2008, disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/2008/04/27/resultados-do-encontro/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2009.

pessoas com deficiência e regionalidades”<sup>7</sup>. Com esta interpretação indicam que a luta feminista deve incluir a superação de outras formas de desigualdades, como o preconceito.

O crescimento da militância política da juventude, de acordo com Souza (2004), contesta as novas formas do capital, simbolizadas pelas grandes corporações internacionais. Jovens recusam a razão instrumental capitalista, constituindo “novas manifestações contestatórias de rua em cidades onde estão instalados os centros financeiros do grande capital, do Brasil e do mundo” (SOUZA, 2002, p.457).

Neste sentido pode-se afirmar que:

é no embate de jovens militantes do movimento global para constituir-se como uma nova geração política que podemos hoje encontrar as jovens interessadas em levar adiante a organização e o projeto emancipatório das mulheres (GIOVANNI, 2003, p.657).

Por outro lado a relação entre juventude e gênero se torna mais complexa quando o contexto histórico é considerado já que as mudanças que ocorrem “entre as gerações são agudizadas pelas transformações associadas a condição social da mulher, especialmente a redução das limitações e restrições no plano da sexualidade” (MARGULIS, 2001, p.50).

É neste contexto de organização política da juventude e de uma nova conformação do feminismo, que as jovens mulheres internautas, renovando a linguagem de resistência e em busca da justiça de gênero, se inserem e estabelecem o que lhes é prioritário enquanto ação coletiva.

### **Feminismo não combina com lesbofobia**

No Método Documentário a análise inicia buscando seus elementos pré-icônográficos. Pode-se ver, portanto que se trata de uma foto colorida, onde jovens estão em pé na esquina de uma via pública e uma delas porta um cartaz. A esquina é marcada por um prédio comercial que está com as portas de enrolar semifechadas, um semáforo e um poste. A imagem é formada por dois planos.

---

<sup>7</sup> Idem.



Figura 1: Jovem feminista



Fonte: Dialogoj

No primeiro plano uma jovem segura um cartaz logo abaixo do rosto e que recobre quase todo o corpo. Esta jovem tem também na mão esquerda uma flor. Seus cabelos são da cor magenta e ela sorri.

No cartaz pode-se ler a frase “feminismo não combina com lesbofobia!”, grafada no centro do cartaz e em preto. Em todas as palavras, as letras utilizadas são maiúsculas. A palavra “não” recebe tratamento especial com relação à posição, pois foi grafada na lateral direita do cartaz, na vertical e ao lado das palavras “feminismo” e “combina”. A palavra “lesbofobia” foi escrita utilizando um tamanho levemente maior que as outras. No rodapé se lê a frase “Articulação brasileira de jovens feministas - ABJF”, grafada com letras pequenas, porém em maiúsculas e em vermelho.

O plano de fundo é composto por outras jovens e pelo prédio. Um grupo, formado por seis jovens, pode ser identificado próximo ao semáforo e ao poste, das

quais se pode ver apenas parte dos seus rostos. Uma sétima jovem, de quem se pode ver apenas os cabelos na cor magenta está encoberta pela que está em primeiro plano. O cartaz cobre a oitava jovem, deixando perceptível um pouco menos da metade do rosto e o cabelo tingido de magenta. A nona jovem está de lado para o produtor da imagem que representa, portando uma bolsa branca onde está impresso uma boca vermelha.

Sobre a análise dos elementos iconográficos, nesta imagem a esquina, configura-se como encontro de dois caminhos ou como possibilidade de duas direções. A rua serve de cenário, assumindo tanto o sentido de coletividade e movimento, onde pessoas podem se mover para várias direções ou para um mesmo lugar, quanto o de diversidade e transformação pela pluralidade das pessoas que a ocupa.

No caso desta fotografia, a esquina de uma rua parece anunciar uma interseção entre formas diferentes de compreensão do feminismo, ao mesmo tempo em que revela a possibilidade de diferentes direções para a militância no movimento de mulheres.

O sentido de cruzamento de ideias também pode ser visto quando a fotografia, ao apresentar jovens mulheres em uma via pública, destaca uma delas, a que porta um cartaz. O cartaz é empregado na imagem como instrumento que registra uma concepção para o restante do grupo.

Ser fotografada, dando visibilidade a este cartaz, assume tanto o significado de apresentá-lo como aquilo que faz parte de si, que deve ser colocado à vista e dado a conhecer publicamente, quanto representa uma concepção partilhada por um grupo.

As outras jovens que compõem a foto, revelam a inscrição num grupo geracional, a juventude a quem, a jovem que segura o cartaz, parece comunicar uma concepção. Entretanto, mesmo que seja vista como participante de um conjunto, ter sido colocada em evidência na imagem, lhe atribui singularidade em relação às outras, um atributo, que lhe concede uma posição que a distingue dentre os outros jovens de sua geração.

Na análise da composição planimétrica, pode-se identificar o triângulo isóscele, traçado a partir do dedo indicador da jovem que segura o cartaz, uma linha e um círculo.

Figura 1.1: Jovem feminista - composição planimétrica



Fonte: Dialogoj

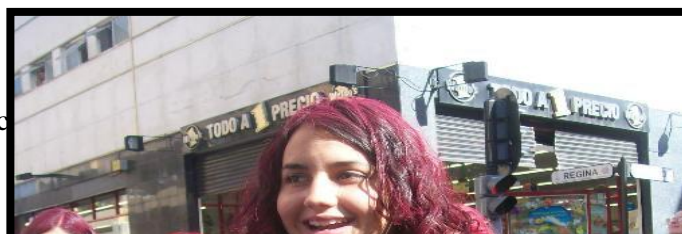
O triângulo delimita o componente central da imagem, a garota que segura o cartaz, separando-a dos outros elementos da foto. A posição da personagem em relação ao triângulo possibilita a interpretação das intenções dos produtores da imagem, sobre o que é necessário dar a conhecer, que no caso não é a jovem em si, mas o texto do cartaz.

Ao observar os limites do triângulo pode-se perceber que, ao destacar a jovem, os produtores da imagem a apresentam como porta voz de um grupo, de uma concepção julgada válida pelo grupo que ela representa. A circunferência dentro do triângulo, ou o incentro, delimita o cartaz como centro da composição da imagem, e o fato do ponto de interseção das setas, recair sobre a palavra “lesbofobia”, denota a construção de um posicionamento sobre a definição clássica de gênero marcada pelo binarismo entre feminino e masculino.

Os elementos da planimetria da imagem, portanto documentam o dilema, a encruzilhada, reconhecida e apontada pelas jovens, como algo a ser considerado pelo movimento feminista, o preconceito que parte da matriz heterossexual, ou da heteronormatividade.

Ao proceder à análise da projeção perspectivista pode-se perceber que a foto perde nitidez na parte superior da imagem e a jovem que está à esquerda no plano de fundo, indica a posição de quem fez a foto.

Figura 1.2: Jovem feminista - projeção perspectivista



Fonte: Dialogoj

Colocada no centro, a jovem parece representar um questionamento, uma contestação, comunicando a quem a vê um território de fronteira entre as jovens e a história do feminismo.

Na análise da coreografia cênica da foto, pode-se identificar que as mulheres que compõem a imagem possuem um vínculo geracional, são jovens, entretanto ocupam posições diferentes. Das dez jovens que compõem a imagem, uma está totalmente oculta, oito tem apenas parte do rosto visível, uma está totalmente visível, mas ocupa o fundo da imagem e apenas uma ocupa lugar de destaque.

Nesta foto não houve preparação do grupo para a composição da imagem, já que nove jovens estão espalhadas pela imagem e fazendo parte da ambientação cênica, compõem o plano de fundo. Entretanto, o produtor da imagem, teve a intenção de destacar uma delas e, esta sim, posa para a foto apresentando o cartaz.

Estar desordenadamente ocupando um lugar uma posição secundária que faz parte do cenário, no caso de nove das jovens, enquanto que uma delas recebe um espaço maior que a põe em destaque, parece comunicar o sentido de pluralidade e diversidade, como elementos da juventude.

A composição da imagem indica que embora estejam no mesmo lugar, isto não significa que as jovens estejam percebendo a situação, o momento, da mesma forma, ou que assumam o mesmo compromisso e tenham a mesma interpretação, já que

“diferentes grupos etários vivenciam tempos diferentes em um mesmo período cronológico” (WELLER, 2010, p.6).

Assim, a foto revela distinções para quem comunica e o que comunica, ao mesmo tempo em que reconhece que existem diferentes possibilidades dentro de um mesmo grupo geracional. As análises anteriores acerca do lugar escolhido como cenário, a esquina de uma via pública e a formação plural da juventude, na análise icônico-iconológica, possibilita a interpretação relativa ao lugar que as associadas da ABJF - Associação Brasileira de Jovens Feministas assumem como singularidade e identidade na militância feminista.

Como a esquina aponta para possibilidades distintas e por vezes contraditórias entre posicionamentos e formas de atuação, o grupo de jovens mulheres feministas parece reconhecer, no interior do movimento feminista, o viés da heterossexualidade obrigatória que reproduz relações de dominação e hierarquiza as orientações da sexualidade, para se colocar no lugar da denúncia no próprio movimento feminista.

Tomar uma esquina, o ponto de cruzamento de duas ruas, como cenário de jovens mulheres onde uma delas comunica uma posição de crítica, alude à lógica paradoxal, apontada por Scott (2005), entre a igualdade e a diferença. Ao apresentar uma jovem segurando um cartaz, os produtores da imagem anunciam uma tensão de significados e interpretações, pois reconhecem a igualdade como princípio ao mesmo tempo em que reivindicam a diferença como conteúdo de uma prática igualitária.

Outro paradoxo apontado pela autora se refere a que “Identidades de grupo definem indivíduos e renegam a expressão ou percepção plena de sua individualidade” (SCOTT, 2005, p. 15). Na imagem as jovens se opõem a um feminismo que não reconhece as relações homoafetivas, negando a um grupo de mulheres, as lésbicas, uma condição igualitária.

Por outro lado as solicitações em torno da igualdade implicam em “aceitação e a rejeição da identidade de grupo atribuída pela discriminação” (SCOTT, 2005, p.15), movimento contraditório que, no caso da foto em análise, é apontado pela jovem que veicula um discurso, pois estando no meio das outras, está ao mesmo tempo separada delas. Ou de outra forma, a solicitação de tratamento igualitário pode obter como efeito a exclusão, já que o solicitante da igualdade nesse caso é aquela que distoa do padrão de normalidade.

Da mesma forma, reconhecer que a juventude não é homogênea, resgata a disposição de apresentar-se com valores, reflexões e opiniões não consensuais. Além

disso apresentar-se também carrega a noção de eixo aglutinador de um processo de desconstrução da estrutura classificatória entre as identidades de gênero. No contexto de uma tradição social que interpreta os gêneros de modo binário e universalizante, a imagem articula o reconhecimento de si enquanto quem ocupa e defende uma posição e o reconhecimento do outro como membro de uma coletividade específica.

Analisando os elementos textuais da foto, pode-se ver que a legenda “jovem feminista”, indica a posição geracional e o vínculo com um campo político e teórico. Os agentes de produção da imagem, ao colocar no centro da narrativa visual a frase “feminismo não combina com lesbofobia!”, recusam a heteronormatividade ou o mito da bissexualidade original, que opõe as pessoas a partir do sexo biológico, solicitando o reconhecimento das diferentes identidades de gênero em bases igualitárias pelo movimento feminista.

Ao utilizar letras maiúsculas em toda a frase e colocá-la seguida de uma exclamação, as jovens feministas comunicam visualmente uma exigência, ao mesmo tempo em que informam ter localizado uma contradição na prática feminista. A exigência se refere à desconstrução do binarismo que cerca a noção de gênero, e classifica as identidades de gênero a partir do par feminino e masculino, desconsiderando a sua multiplicidade. A contradição se relaciona a compreensão de que a luta pela igualdade, no campo da militância feminista, não tem incluído o reconhecimento da lesbianidade como uma orientação da sexualidade válida, e que a discriminação, segregação ou invisibilidade constituem-se em formas de opressão.

De fato, a lesbianidade não foi incorporada pelo movimento feminista, pois “as lésbicas passaram a ser uma ameaça, mesmo que estivessem no campo da discussão da sexualidade, fundante para o feminismo, e lutassem também pelas causas clássicas da agenda heterossexual, como contracepção e aborto” (SOARES; COSTA, 2011, s/p).

No Dialogoj, o *post* de 20 de março de 2008, revela que a contradição entre o feminismo e o movimento de mulheres lésbicas é identificada pelo grupo, ao reproduzir a pergunta de uma internauta: “Por que há tanta resistência com a palavra lésbica? Por que nessa relação com o feminismo muitas vezes é negada uma das identidades que também faz parte do movimento, que é a lesbianidade?”<sup>8</sup>. O *post* indica como resposta que “o receio do movimento feminista em reconhecer a lesbianidade como uma das

---

<sup>8</sup> Trecho extraído do *post* “Jovens feministas sim, com muito orgulho!”, de 20 de março de 2008, disponível em: < <http://dialogoj.wordpress.com/2008/03/20/jovens-feministas-sim-com-muito-orgulho/>>. Acesso em: 13 de outubro de 2009.

identidades que o compõe é o medo de reforçar o estereótipo de que toda feminista é lésbica<sup>9</sup>”.

Assim, expõe as tensões entre feminismo e lesbianidade, especificamente, o debate dos estereótipos em torno do feminismo que se refere a ideia de que “associar o feminismo e a lesbianidade é dar como certa, a masculinização” (SOARES; SARDENBERG, 2011, p.2), já que deste ponto de vista “as lésbicas são uma espécie de contaminação da imagem das feministas que arruinariam a categoria mulher” (SOARES; SARDEMBERG, 2011, p.2).

Ao grafar o vocábulo “lesbofobia” em tamanho maior que as outras palavras, indicam o compromisso com a justiça de gênero e denunciam a atitude discriminatória que exclui, segrega ou interpreta negativamente mulheres lésbicas e suas relações homoafetivas, expondo e dando visibilidade tanto a esta forma de preconceito, quanto a sua existência na militância feminista. A ênfase atribuída à palavra “não”, grafada na direção vertical, enquanto as outras estão na direção horizontal, parece propor uma cisão no contexto em que se desenvolvem e se mantêm as formas de opressão às mulheres lésbicas no movimento feminista.

A imagem parece assumir o rompimento como necessário para a promoção da igualdade de direitos, uma afirmação incontestável quanto a reunir coisas díspares como a igualdade e o preconceito no mesmo terreno, na militância feminista que contraditoriamente, sendo um movimento que busca a justiça social, promove a injustiça de gênero. No Brasil, para Soares e Costa (2011) “a tendência do movimento feminista foi estabelecer a convivência com feministas lésbicas sem preocupar-se com a desconstrução da heteronormatividade na pauta política e teórica” (s/p).

Para as autoras as tensões provocadas no movimento feminista não se transformaram em reconhecimento das demandas deste grupo, foram no lugar disso sendo invisibilizadas, desconsideradas ou negadas, “sendo mais grave o silêncio do feminismo perante as violências sofridas pelas lésbicas, como o chamado estupro corretivo” (SOARES; COSTA, 2011, s/p).

A frase no rodapé do cartaz “ARTICULAÇÃO BRASILEIRA DE JOVENS FEMINISTAS - ABJF” embora esteja com letra menor, está em vermelho e chama atenção para o lugar de onde a imagem faz a exigência pela justiça de gênero e combate ao preconceito originado na hierarquização das orientações da sexualidade: jovens

---

<sup>9</sup> Idem.

mulheres organizadas em torno do feminismo e que realizam ações coletivas valendo-se de uma associação nacional.

As jovens feministas da ABJF - Articulação Brasileira de Jovens Feministas, anunciam a posição de defesa dos direitos de todas as mulheres como fundamento da organização e atuação do grupo. Na Carta de Princípios da associação, as jovens feministas declaram entre as razões primárias da sua agregação: “Repudiar todas as formas de racismo, etnocentrismo, discriminação e intolerâncias correlatas”, “Combater a lesbofobia e intolerâncias correlatas”, o “Reconhecimento do direito à liberdade de orientação afetivo-sexual e expressão sexual como um direito humano”, destacando como um dos direitos humanos das mulheres jovens, a eliminação das desigualdades baseadas na orientação afetivo-sexual.

Assim, pela foto, podemos apreender que reafirmam o compromisso de combater o preconceito, especificamente a lesbofobia, dentro do próprio movimento feminista; informam que na militância feminista a heteronormatividade é um princípio presente e por fim, constroem o significado compartilhado com outras jovens de que ser feminista e jovem não comporta uma visão que trata a heterossexualidade como norma, que não admite uma prática política que seja hierarquizante ou invisibilizadora de algum grupo de mulheres, que, sendo assim, recusam o sexismo e o preconceito intragênero.

### **Considerações Finais**

O tema central da narrativa visual é a defesa da justiça de gênero, partindo da elaboração de uma leitura crítica do movimento feminista. Além disso, é possível identificar que as jovens localizam contradições no interior da militância feminista ainda que reconheçam como suas as bandeiras de luta, respeitem e absorvam os ganhos históricos do movimento. Para além dessa posição assumem como tarefa a defesa da igualdade de gênero opondo-se a desigualdade intragênero, aos preconceitos e recusando a heterossexualidade como discurso hegemônico.

Assim, podemos localizar no estudo uma militância de jovens mulheres feministas, que poderiam ser denominadas como ciberfeministas, um percurso eminentemente juvenil e contemporâneo no que se refere as estratégias de associativismo, divulgação e apropriação de significados.



Pode-se dizer que ser uma mulher jovem feminista implica em considerar o pressuposto de que a ideia de pluralidade e diversidade são elementos constituintes da igualdade.

Tomando como referência as análises apresentadas, pode-se afirmar que as imagens têm uma narrativa própria, uma discursividade intrínseca, que documentam uma trajetória e revelam sentidos e orientações coletivas das práticas deste grupo geracional. A partir da imagem analisada representa a adesão às causas em favor das mulheres, o que implica em aderir à ação das militantes adultas, em fazer e colocar-se a disposição de uma identidade política que vem sendo historicamente construída. Alertam, porém que sua disponibilidade está relacionada a recusa da heteronormatividade e a defesa incondicional da igualdade.

Este percurso analítico reafirma a ideia de que conhecer os modos de sociabilidade, as formas de transmissão de significados entre os jovens e os próprios significados e interpretações que delineiam, fornece elementos para a construção de políticas públicas na área da educação que não se restrinjam a concepção de aluno, mas do sujeito histórico que faz o cotidiano das escolas do país.

## Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 05-06, dez. 1997.

BOHNSACK, Ralf. Interpretação de imagens e o Método Documentário. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes, 2013

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O método documentário na análise de grupos de discussão. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARVALHO, Marília Pinto de; SOUZA, Raquel; OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. Jovens, sexualidade e Gênero. In. *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*. Volume I. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, set/out/Nov/dez 2003, p. 40-52.

DUARTE QUAPPER, Klaudio. ¿Juventud o juventudes? Acerca de cómo mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. In: BURAK, Solum Donas (comp). *Adolescencia y juventud en América Latina*. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001. Disponível em: <<http://www.binasss.sa.cr/adolescencia/Adolescenciayjuventud.pdf>>. Acesso em: 03 Jan. 2012.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? *Lua Nova*, São Paulo, n. 70, p. 101-138, 2007.

GIOVANNI, Julia Ruiz di. Jovens, feministas, em movimento: a Marcha Mundial das Mulheres no III Acampamento Intercontinental da Juventude. *Revista Estudos Feministas*. 2003, vol.11, n.2, p. 655-660. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2003000200024&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200024&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 set. 2011.

HARCOURT, Wendy. Cyberspace as a networking tool for feminists. *Labrys-estudos feministas*, janeiro / julho 2005. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosowain.com.br/labrys/labrys7/cyber/wendy.htm>>. Acesso em: 09 out. 2011.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. *REIS - Revista española de investigaciones sociológicas*, Madrid, España, n. 62, p. 193-242, abr/jun. 1993. Disponível em: <[http://www.reis.cis.es/REISWeb/PDF/REIS\\_062\\_12.pdf](http://www.reis.cis.es/REISWeb/PDF/REIS_062_12.pdf)>. Acesso em: 15 Jan. 2010.

MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARGULIS, Mario. Juventud: una aproximación conceptual. In: BURAK, Solum Donas (comp). *Adolescencia y juventud en América Latina*. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001. Disponível em: <<http://www.binasss.sa.cr/adolescencia/Adolescenciayjuventud.pdf>>. Acesso em: 03 Jan. 2012.

MARTINEZ BARBOZA, Amalia. Sobre el método de la interpretación documental y el uso de las imágenes en la sociología: Karl Mannheim, Aby Warburg y Pierre Bourdieu. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 21, n. 2, Agosto de 2006.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade1. *Estudos feministas*, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2005.

SOARES, Gilberta Santos; COSTA, Jussara Carneiro. Movimento lésbico e movimento feminista no Brasil: recuperando encontros e desencontros. *Labrys, Estudos feministas*, julho/dezembro 2011. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosowain.com.br/labrys/labrys20/bresil/gilberta%20jussara.htm>>.

SOARES, Gilberta Santos; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Assumindo a lesbianidade no campo teórico feminista. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia*, Curitiba-PR, 26 a 29 de julho de 2011.

SOUSA, Janice Tirelli Pontes de. Os jovens anticapitalistas e a resignificação das lutas coletivas. *Perspectiva*, v. 22, n. 2, p. 451-470, 2004.

SOUZA, Maria Cecília Cortez C. Os estudos sobre aspectos psicossociais de adolescentes. In: SPOSITO, Marília Pontes. *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). A pesquisa sobre jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*. Volume I. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n.24, set /out /nov /dez 2003, p.16-39.

TAGUENCA BELMONTE, Juan Antonio. El concepto de juventud. *Revista Mexicana de Sociología* 71, N. 1, Jan./Mar., 2009, p. 159-190. Disponível em: <<http://www.ejournal.unam.mx/rms/2009-1/RMS009000105.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2010.

WELLER, Wivian et all. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. In: *Sociedade e Estado*, Brasília, v. XVIII, n.2, p.375-396, jul/dez 2002. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. In. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, nº 13, p.260-300, jan/jun 2005.

\_\_\_\_\_. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Sociedade e Estado*. Brasília, vol.25, n.2, 2010, p.205-224.

\_\_\_\_\_. Karl Mannheim: Um Pioneiro da Sociologia da Juventude. *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia* 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE). Disponível em:<<http://www.espm.br/ConhecaAESPM/CAEPM/nucleodeestudosdajuventude/Documents/Banco%20de%20Dados%20Jovens/10.%20SOCIOLOGIA%20DA%20JUVENTUDE/10.23.%20mannheim%20sobre%20sociologia%20da%20juventude.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2008.